

A relação entre escolaridade e uso do computador: aspectos qualitativos de estudo de caso acerca da formação de professores- estudantes de jovens e adultos pouco escolarizados na cidade de São Paulo

Nilce da Silva¹

Resumo

Os dados apresentados e analisados neste artigo formam um recorte de uma pesquisa maior intitulada “As novas tecnologias de comunicação e o aprender a ler e a escrever em língua portuguesa: um estudo sobre a intersecção do ‘mundo das letras’ e do ‘mundo virtual’”. Sendo assim, de modo sucinto, apresentaremos os dados quantitativos que obtivemos, para que, em seguida, tratemos dos aspectos qualitativos² da relação entre escolaridade e uso do computador. A partir de pesquisa exploratória, com características quantitativas e qualitativas, junto a dois grupos de participantes – G1, constituído por alunos de EJA da cidade de São Paulo, e G2, formado por alunos em situação de supraescolarização no Quebec (Canadá) – obtivemos elementos sobre a temática em questão. Foram aplicados questionários para a caracterização dos sujeitos envolvidos com o objetivo de relacionar a variável escolaridade e o uso do computador. Realizamos também intervenções com observação ativa e entrevistas informais junto a G1. Finalmente, consideramos que a falta de intimidade do professor-estudante com os novos gêneros de leitura e escrita promovidos pelo uso do computador precisam ser conhecidos e explorados por estes futuros profissionais.

Palavras-chave

Escolarização. Cibercultura. Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Alfabetizadores.

1. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, editora da revista “Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa”. E-mail: nilce@usp.br.

2. Os aspectos quantitativos foram analisados em artigo intitulado “A relação entre escolaridade e uso do computador: aspectos qualitativos de um estudo de caso junto a jovens e adultos pouco escolarizados na cidade de São Paulo” publicado na Revista FAEBA, em setembro de 2011.

The relationship between education and computer use: qualitative case study about young and adults training teacher-students with little schooling students in the city of São Paulo

Nilce da Silva*

Abstract

This article is about the relationship between education level and computer use. After an exploratory research, with quantitative and qualitative characteristics, with two groups of participants: G1, composed by students in adult education in São Paulo, and G2, formed by students with a lot of school years in Quebec region, we obtained some elements about the thematic in question. Questionnaires were applied to characterize these two groups and carried educative interventions, active observation and informal interviews were realized with G1. We also made active interventions with observation and informal interviews with the G1. Finally, we consider that the teacher-student's intimacy with lack reading and writing new genres of reading and writing caused by the use of the computer can be known and exploited by these future professionals. Questionnaires were applied to characterize these two groups involved in order to study the relation between education level and computer use. We also carried educative interventions, active observation and informal interviews were realized with G1. We also made active interventions with observation and informal interviews with the G1. Finally, we consider that the teacher-student's intimacy with lack of intimacy in reading and writing new genres of reading and writing caused by the use of the computer can be known and exploited by these future professionals.

Keywords

Education, Cyber Culture, Literacy, Youths and Adults Literacy, Teacher Training.

* Doctor in Education at Universidade de São Paulo, professor at Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, editor of the magazine "Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa". E-mail: nilce@usp.br.

Introdução

Este texto refere-se à segunda parte de um artigo previamente escrito sobre dados iniciais obtidos por meio de pesquisa exploratória intitulada “As novas tecnologias de comunicação e o aprender a ler e a escrever em língua portuguesa: um estudo sobre a intersecção do ‘mundo das letras’ e do ‘mundo virtual’”, com características quantitativas e qualitativas, junto a dois grupos de participantes – G1, constituído por alunos de EJA da cidade de São Paulo, e G2, formado por alunos em situação de supraescolarização no Quebec – na qual obtivemos elementos sobre a temática em questão. Foram aplicados questionários para a caracterização dos sujeitos envolvidos com o objetivo de relacionar a variável escolaridade e o uso do computador. Realizamos intervenções com observação ativa e entrevistas informais junto ao G1.

Os dados quantitativos obtidos durante pesquisa de campo feita no primeiro semestre de 2011 encontram-se na primeira parte do artigo supracitado. Neste trabalho, abordaremos e analisaremos os dados qualitativos coletados por meio de observação de participantes em sala de aulas de EJA na cidade de São Paulo.

Contexto e análise dos dados quantitativos da pesquisa: 1º momento

O mundo atual é baseado no capital humano. Neste terreno em que a cibercultura ganha cada vez mais espaço, há que se perseguir uma maior compreensão do letramento, conceito introduzido recentemente no contexto brasileiro, mais precisamente nas áreas de letras e educação. Faz-se necessário enfatizar o fenômeno em seus diferentes aspectos, sem, entretanto, alterarmos o conceito, apresentado por Soares (1998), de que letramento é o estado ou condição de

indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participando competentemente de eventos de letramento.

Deste modo, hoje, quando pensamos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como em todas as outras modalidades de ensino, afirmamos que na cidade de São Paulo é muito difícil estar distante do computador. Esta máquina, e tudo que a acompanha, faz parte do cotidiano dos moradores desta grande cidade. Portanto, utilizar-se desta ferramenta implica na promoção de práticas sociais de leitura e escrita. E assim, neste contexto, é válido afirmar que mesmo não sendo alfabetizados, esses adultos que frequentam o EJA estão imersos no universo das novas tecnologias em seu dia-a-dia, como nos caixas-eletrônicos ou no manuseio de aparelhos celulares.

Assim, formadores de futuros alfabetizadores, não poderíamos deixar de nos questionar como tem se dado a relação entre alunos de EJA da cidade de São Paulo e o computador, tendo em vista a posição socioeconômica excludente que ocupam e a consequente inserção no sistema escolar brasileiro, para que possamos rever nossa atuação como formadores de futuros professores.

A partir de instrumentos da pesquisa quantitativa e qualitativa, buscamos caminhos que pudessem iluminar esta investigação. Decidimos que, pelo contraste apresentado do ponto de vista social, econômico e educacional, numa primeira etapa desta investigação – a quantitativa – estabeleceríamos um grupo de controle na região do Quebec, conhecido “primeiro mundo”, que, como sabemos, falam de um lugar social diametralmente oposto daquele ocupado pelos alunos de EJA na periferia de São Paulo.

Deste modo, aproximamo-nos de duas realidades: G1, composto por alunos

de EIA de uma escola noturna da periferia de São Paulo, Brasil; e G2, constituído por francófonos, supra-escolarizados alunos em situação socioeconômica estável, com nível técnico ou superior completo, residentes e nascidos na província de Ouebec, Canadá.

Método

Participantes: participaram deste momento da pesquisa dois grupos: G1, constituído por 234 alunos de EIA da cidade de São Paulo (Brasil), em processo de alfabetização; e G2, formado por 18 alunos em situação de supraescolarização, da província do Ouebec (Canadá).

Instrumentos e procedimentos: foi aplicado o mesmo questionário aos alunos de G1 e G2, contemplando os itens: “gênero do respondente”, “faixa etária”, “anos de escolarização” e “lista de possibilidades de uso do computador”. O referido questionário foi traduzido para a língua italiana³ e aplicado ao G2, nos meses de fevereiro e março de 2011. Os alunos, adultos cuja língua materna é o francês, estudam italiano por motivo de futura viagem à Itália. O local escolhido para a aplicação do questionário foi um Centro de *Loisir* na cidade de *Trois-Rivières*, no Ouebec, Canadá. Em seguida, tabulamos os dados coletados, identificamos as tendências a partir dos valores calculados e elaboramos gráficos acerca dos resultados obtidos para facilitar nossa compreensão sobre a relação entre as variáveis estudadas, visualizarmos as tendências das respostas obtidas e evidenciarmos o contraste entre os dados obtidos no Canadá e no Brasil.

3. Tivemos o cuidado de traduzir o questionário para o italiano para que incomodássemos o menos possível o curso de italiano que os alunos estavam frequentando e para que pudessem aprender vocabulário por meio do instrumento de pesquisa.

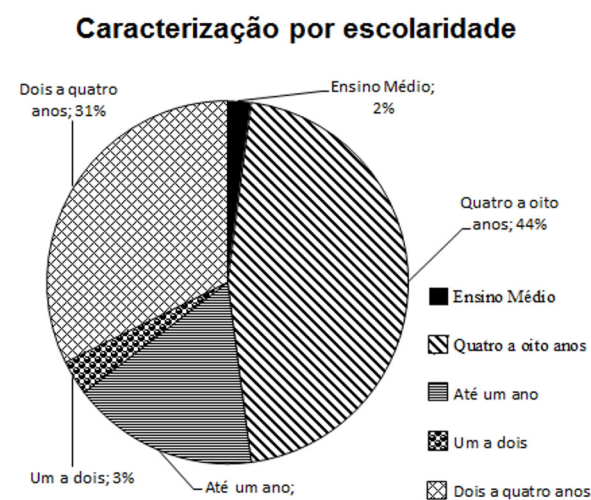
4. Valor de maior frequência na distribuição dos dados.

Resultados e Discussão

Dos participantes desta pesquisa, 66% pertencem ao sexo feminino, ou seja, 166 são mulheres, enquanto 86% são homens.

Em relação ao nível de escolaridade alcançado pelos sujeitos deste trabalho, temos a seguinte caracterização:

Gráfico 1 - Caracterização por escolaridade



Fonte: Produção da própria autora.

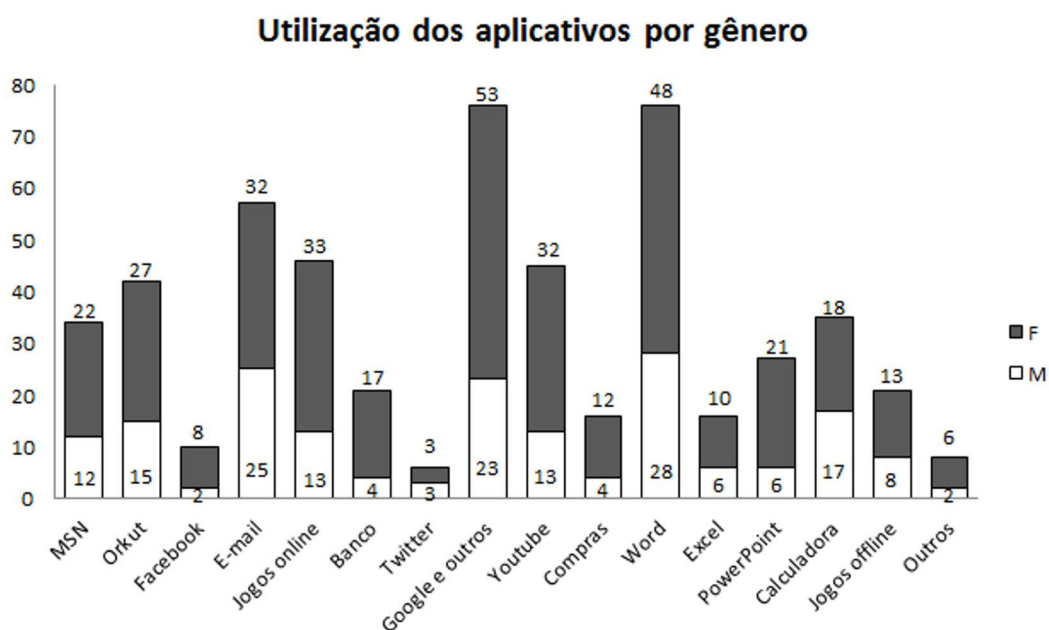
Aqui, vale ressaltar que os 6% dos envolvidos nesta pesquisa que possuem Ensino Médio técnico-profissionalizante são os quebequenses. Ou seja, a maioria dos nossos sujeitos, alunos de EIA, perfaz 94% de estudantes com menos de oito anos de estudos.

Com relação à idade dos sujeitos envolvidos, a moda⁴ dos dados coletados nesta pesquisa se concentra na faixa de idade entre 20 e 40 anos. Lá a maior parte se situa na faixa etária.

que também é a economicamente ativa, ou seja, entre 20 e 60 anos. Apenas 7% dos sujeitos, em torno de 12 pessoas, são considerados como pertencentes à “terceira idade”.
Veiamos a distribuição dos resultados

obtidos em função da utilização do computador. Nestes cruzamentos de variáveis, encontra-se a distribuição da utilização dos aplicativos de computadores em função do gênero dos sujeitos desta pesquisa.

Gráfico 2 - Utilização dos aplicativos por gênero



Fonte: Produção da própria autora.

Verificamos no Gráfico 2 que o *Facebook*, os jogos *online* e os sites de banco são predominantemente de interesse feminino, assim como a utilização do programa *Word*. O *Twitter*, o menos usado dentre os aplicativos apresentados, é utilizado igualmente entre homens e mulheres. Assemelha-se a esta equidade, o uso que os sujeitos desta pesquisa fazem da calculadora.

Observamos também que o *Word*, o *e-mail* e o *PowerPoint* são utilizados com maior frequência pelos sujeitos com idade entre 40 e 60 anos, idade produtiva conforme assinalamos. Por outro lado, as pessoas entre 20 e 40 anos utilizam mais o *MSN*, o *Orkut*, os sites de busca e a calculadora. E, os mais jovens, adultos até 20 anos (todos os alunos do EJA, no caso desta

pesquisa) fazem uso do *Orkut*, do *MSN* e de sites de busca, acessam o *Youtube* e utilizam o *PowerPoint*; sendo inexpressivas a atuação em jogos *offline*, realização de compras e uso de sites de banco. Constatamos que o site de relacionamento *Orkut* é desconhecido dos canandenses envolvidos nesta pesquisa, mas é muito frequentado pelos usuários brasileiros; o *Facebook*, ao contrário, por ser um site mais globalizado, é mais utilizado pelos quebequenses, possivelmente pelo nível de escolaridade destes.

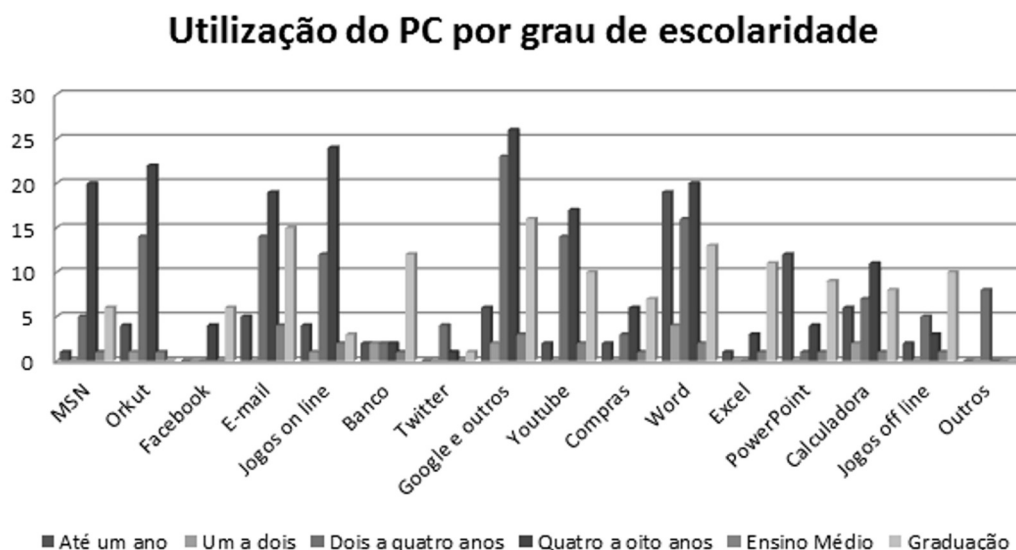
A partir dos gráficos, podemos notar que, de maneira geral, a utilização feita pelos sujeitos desta pesquisa se concentra nos sites de busca e pesquisa (*Google*), editor de texto (*Word*) e *e-mail*.

Abaixo, temos um último gráfico (Gráfico 3) que apresenta a utilização do computador

tendo em vista os anos de escola frequentados pelos sujeitos desta investigação. E é justamente aqui que notamos que ter nascido e crescido

no Quebec implica ter maior contato, nos dias atuais, com os novos letramentos proporcionados pelo uso do computador.

Gráfico 3 - Utilização do PC por grau de escolaridade



Fonte: Produção da própria autora.

Verificamos que pessoas com um até dois anos de escolaridade têm pouco acesso quanto às alternativas apresentadas. Entretanto, elas utilizam mais a calculadora que os seus colegas menos escolarizados. É interessante notar que o próximo intervalo de idade que utilizamos nesta caracterização – entre dois e quatro anos de escolaridade – parece ser um momento de passagem e de abertura de possibilidade para o uso das alternativas aqui apresentadas vinculadas ao computador.

E, finalmente, notamos que, apesar de menor número nesta população estudada, os alunos quebequenses são maioria, relativa e absoluta, no que se refere ao uso de e-mail, banco, sites de busca e compras. Interessante constatar que são também estes alunos mais escolarizados que se apresentam como usuários de jogos offline.

Diante destas constatações, inferimos que quanto maior o grau de escolaridade, maior é a confiança na utilização das ferramentas e aplicativos do computador.

A observação participante: 2º momento

Ao G1, além do questionário, aplicado anonimamente e, muitas vezes, preenchido pelo próprio pesquisador, tendo em vista a dificuldade de leitura e escrita do respondente, foram também realizadas intervenções educativas e observação ativa em 10 salas de EIA entre os meses de abril e junho, com elaboração de relatórios por nossos alunos-pesquisadores (alunos do curso de Pedagogia da USP em situação de estágio ou de estudos independentes). Esses instrumentos nos forneceram os dados qualitativos para

discutirmos nossas questões de pesquisa.

Como estas observações foram majoritariamente realizadas em contexto de estágio, inserimo-nos no âmbito das pesquisas feitas por Schön (2000), que trata do ensino reflexivo na e para a formação de professores. O autor propõe uma nova epistemologia da prática docente embasada nos conceitos de ação e reflexão na ação. Ou seja, nossos alunos da disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA)” prepararam conosco seus planos de aula, utilizando o computador como instrumento didático, compreendendo que o estágio supervisionado é um elemento fundamental no processo de aprender a ensinar (GARCIA, 1998; SILVA, 1998).

Desta forma, neste contexto da formação reflexiva, inserimos as novas tecnologias de ensino para a formação de alfabetizadores conforme foi mencionado na primeira parte deste artigo. A partir da leitura atenta deste material, organizamos falas, informações, textos que, por serem recorrentes, poderiam ter a função de categoria de análise. Deste modo, obtivemos os seguintes “conceitos cotidianos” (BENEDICT, 2000): modo de entrada na escola; tipo de escola; nível da sala; professor titular da sala; computadores por aluno; o que foi usado do computador; uso do computador para atividades; obstáculos; desconhecidos pelos alunos de EJA; atitude do aluno de EJA frente ao PC; conteúdo de alfabetização trabalhado; domínio do conteúdo de língua portuguesa trabalhado; ação-reflexão (Tabela síntese em anexo com a análise das práticas de estágio enquanto observação participante feita por 23 estudantes-estagiários; registrados em 10 depoimentos⁵).

De acordo com os dados coletados, temos que todos os professores-estagiários, antes de

entrarem em sala de aula e se relacionarem com o professor titular ou com o professor da sala de informática, passaram por alguém da direção ou coordenação das escolas particulares ou públicas que ofereciam cursos de EJA como uma prática de ação social. As atividades didáticas foram desenvolvidas ou no primeiro, ou no quarto, ou no sexto ano do ensino básico, sendo que uma das salas parceiras era uma sala mista com alunos de diferentes períodos escolares.

De todos os professores titulares com quem trabalhamos, apenas um havia iniciado trabalho pedagógico utilizando o computador. Em uma das escolas, foi proibida aos professores-estagiários a regência da aula planejada. Dentre outros obstáculos, verificamos a ausência de uma professora de informática, tendo em vista o pouco tempo que lhe faltava para a aposentadoria. Houve também uma série de recusas das escolas consultadas para receber os estagiários, apesar dessa situação constar apenas uma vez nos depoimentos recebidos. Observemos abaixo os seguintes excertos do material escrito pelos alunos da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP):

Eu tive dificuldades para encontrar uma escola que aceitasse estagiários, por isso, só consegui começar o meu estágio no dia de preparar a aula a ser dada.

O objetivo da proposta, bem como o uso do programa “PowerPoint”, foi aprovado pela professora, no entanto, o problema de utilização da sala de informática mantinha-se, já que no sistema da prefeitura cada turma possui uma aula por semana para utilizar os computadores e, nesse caso, a docente dessa área estava em período prévio de aposentadoria, ausentando-se muito. Se não bastasse essa situação inconveniente, não recebíamos nenhuma resposta da coordenação se poderíamos utilizar a sala sem a professora de informática, apenas com

5. Aqui é importante salientar que, da elaboração do plano de aula até a escrita do depoimento, os alunos tinham liberdade para trabalhar individualmente ou em grupo. Ou seja, puderam elaborar o plano de aula em grupo, por exemplo, aplicar a aula individualmente e escrever seu depoimento em outro grupo ou elaborar o plano de aula sozinhos, aplicar em grupo e fazer o seu depoimento sozinho. Todas as combinações foram aceitas.

o acompanhamento da professora regente. Foram mandadas cartas para os coordenadores solicitando algum posicionamento, mas nada foi respondido.

Somente quando uma das integrantes foi pessoalmente em outro dia que não o planejado, encontrou por acaso as duas professoras, então conseguimos a compreensão e o compromisso da professora de informática de que ela permaneceria na escola e atenderia os alunos do estágio fora do seu horário de trabalho, para que pudéssemos aplicar o estágio.

A funcionária da escola nos disse que poderíamos ir à escola, mas que não poderíamos aplicar uma aula, uma vez que os planejamentos já estavam preparados e que os alunos poderiam estranhar a mudança nos professores. Em contrapartida, a coordenadora nos deixou acompanhar uma aula de informática e com isso conseguimos ter uma ideia de como é a relação desses alunos com a máquina.

De modo geral, constatamos, pelos depoimentos analisados, que o professor titular colaborou com o professor-estagiário, chegando a continuar a atividade depois de terminado o tempo de atuação do aluno FEUSP na mesma sala de aula e, ainda, aplicando a mesma atividade em outra sala.

A minha aula começou com a professora lendo para os alunos o poema que eu levei. Terminada a leitura, iniciei a explicação. Ela me ajudou a explicar e pediu que os alunos falassem exemplos para nós duas escrevermos na lousa. Quando nós terminamos, ela me pediu para escrever as definições na lousa e para os alunos copiarem no caderno e procurarem exemplos no poema.

Tivemos fácil acesso às informações necessárias, assim como uma boa recepção. A professora da disciplina de Ciências, que cedeu o espaço de suas aulas, abraçou o nosso projeto e colaborou na aplicação das atividades elaboradas por nós.

Os alunos de EIA, no âmbito desta pesquisa, serviam-se dois a dois do mesmo computador. Apenas em uma escola particular os alunos, em torno de dez, puderam acessar individualmente a máquina. E, no caso mais precário, a estagiária teve que levar seu próprio *notebook* para realizar a atividade.

Dentre as possibilidades oferecidas pelo computador, com ou sem acesso à Internet, digitar textos no programa *Word* é a primeira opção de atividade no plano de aula escolhida por nossos estudantes da FEUSP seguida da apresentação de conteúdos de curso em *PowerPoint*, que é a mais popular. Entre as atividades *online*, destacamos: o *Youtube*; a leitura em sites de diferentes gêneros textuais, tais como notícias e provérbios; e o uso de jogos.

O computador e suas ferramentas deveriam ser utilizados para promover a apropriação, a assimilação e a construção de conteúdos. Entretanto, muitas vezes, nossos professores-estagiários tiveram que se preocupar também em ensinar a ligar o computador, manuseio do mouse e do teclado, dentre outras atividades primárias. As passagens abaixo ilustram nossas afirmações:

Durante a aula, pudemos observar que a maioria das alunas não tinha familiaridade alguma com o computador, salvo algumas poucas exceções. Controle do mouse, reconhecimento de palavras referentes às ferramentas do programa (como cursor, por exemplo), identificação dos ícones na barra de ferramentas, tudo isso foram dificuldades das alunas que percebemos durante a aula. Apesar disso, todas estavam bastante entretidas e queriam explorar mais o programa.

[...] a falta de prática dos alunos com os recursos do computador, a maneira como foi conduzida a atividade, por meio da leitura coletiva (que impõe certa linearidade para que todos possam acompanhar) e a própria estrutura da animação que utilizamos não possibilitavam muitos caminhos a serem percorridos. Por outro lado, a discussão que permeou toda a atividade, com seus desdobramentos e significados diversos,

mostrou-se bastante condizente com nossos objetivos.

Podemos dizer que o receio diante do computador não foi o sentimento que preponderou entre os alunos de EIA. A sensação de estar perdido foi muito mais percebida pelos professores-alunos regentes, assim como o encantamento, a curiosidade e a resiliência, conforme trechos dos relatos dos professores-estudantes:

Muitos alunos tiveram bastante dificuldade, tanto ao lidar com o computador quanto para “corrigir” as palavras. Porém, mostraram-se dispostos e solicitaram nossa ajuda sem nenhum constrangimento.

Depois de descermos e nos acomodarmos na sala de informática, começamos a explicar como procederíamos para ligar o computador. Os alunos tiveram muita dificuldade, mas demos a assistência necessária para o bom andamento do processo. Assim que ligamos os computadores, explicamos como faríamos para acessar o programa PowerPoint e, posteriormente, o arquivo a ser utilizado. Com a abertura do arquivo explicamos as funções básicas do mesmo, como a troca de slides, a alteração do conteúdo, como proceder para salvar um arquivo e como fechar o programa.

Os alunos apresentaram razoável dificuldade em operar computadores, uma vez que a maior parte não possui a máquina em sua casa nem a utiliza no trabalho ou em outras situações cotidianas, apesar de o uso de eletroeletrônicos ter crescido consideravelmente no Brasil nos últimos anos, somada à facilidade para obtenção desses bens de produção.

Lá neste ponto alguns alunos tiveram dificuldades, pois apesar de fazer a associação entre imagem e letra corretamente, não conseguiam arrastar o ponteiro do mouse até a letra escolhida, clicando então em espaços aleatórios da página. Passamos ajudando todos os alunos que pediam ajuda ou que observávamos que estavam com grandes dificuldades.

Aliado a essas questões, nossos estagiários em regência perceberam, ainda, que a maioria dos alunos de EIA também não dominava o conteúdo de língua portuguesa proposto para ser ensinado, como: identificação de fábulas, provérbios, (auto) biografias e/ou notícia de jornal como gêneros textuais; relações entre som e letra; conceitos de adjetivo e substantivo; variações da pronúncia da língua portuguesa no Brasil e no mundo. Também a dificuldade de compreender os enunciados dos problemas matemáticos configuraram-se em tarefas difíceis de serem realizadas. Vejam:

Em relação ao conteúdo trabalhado, notamos dificuldade na identificação de um substantivo e um adjetivo por parte de todas as alunas. Este com certeza é um conteúdo que ainda não foi bem assimilado e precisa ser retomado nas aulas de Língua Portuguesa.

Foi notória, neste processo, a dificuldade de muitos alunos na resolução dos problemas, porém, ficou evidente que tais dúvidas surgiam devido à dificuldade de interpretação dos enunciados, por fim, com o nosso auxílio no momento da leitura, todos os alunos conseguiram solucioná-los.

Desde o primeiro dia, os alunos me pediram ajuda para ler e/ou escrever algo. Ajudando-os, fui percebendo as dificuldades deles em leitura e escrita, principalmente no reconhecimento do som das letras. Foi desta dificuldade que os alunos apresentaram que eu tirei a ideia para a minha sequência didática.

Logo em seguida, iniciamos uma discussão para que os alunos falassem o que lhes chamou a atenção. Para a nossa surpresa, a primeira coisa que falaram foi exatamente a diferença nos sotaques. Seguiu-se uma discussão muito produtiva, em que os alunos expressaram suas opiniões e disseram o quanto sentem vontade e necessidade de falar “corretamente”. Explicamos que não existe o certo e o errado, que cada região e cada cultura têm uma maneira de falar, e que as pessoas não podem sofrer preconceito linguístico por falar diferente do que foi

classificado como a “norma culta da língua portuguesa”.

Por conta desta in experiência com os recursos do computador e com práticas de leitura e escrita, o desenvolvimento da segunda etapa da sequência didática acabou por tomar um rumo diferente daquele proposto inicialmente. A leitura dos provérbios dispostos nos slides foi realizada conjuntamente pelos alunos, em voz alta, de forma que uns complementavam as falas dos outros. Houve grande envolvimento de toda a turma e pôde-se perceber que o grupo incentivava a participação daqueles com maior dificuldade de leitura.

A maior dificuldade encontrada pelo grupo não foi a leitura ou a interpretação dos textos utilizados na atividade, cujo conteúdo pertence ao repertório oral dos alunos, conforme foi constatado durante a discussão da aula. Na verdade, o maior desafio foi conciliar a interpretação que eles deram às imagens e a atividade proposta, pois demonstraram seguir um tipo de raciocínio diferente daquele valorizado pela instituição escolar. Enquanto a nossa atividade apontava como resposta mais adequada a que continha somente os elementos explícitos de cada imagem, as falas dos alunos revelavam elementos de imaginação e extrapolação. Como um exemplo, pode-se apontar um slide que continha os provérbios “a cavalo dado não se olham os dentes” e “cavalo de cachaceiro conhece o caminho do boteco”, além da imagem de um cavalo mostrando os dentes. Segundo alguns alunos, a “cara engraçada” daquele cavalo só poderia pertencer a um cachaceiro, apontando como opção o segundo provérbio, enquanto a resposta desejada era a que continha o primeiro provérbio.

De acordo com nossa proposta de reflexão-ação-reflexão, consideramos os resultados relatados pelos professores-estagiários bastante satisfatório. O fato de ter-se escrito um relatório, um depoimento, se constitui, pela própria característica de distanciamento provocado pela escrita, evidência básica da existência da reflexão depois da regência (ação). A reflexão antes da ação (regência) também

foi verificada na preparação do plano de aula e na discussão do plano com docente da USP responsável pela disciplina de metodologia e, até mesmo, a partir da prática inusitada de aplicar o plano a um grupo de vizinhos para que acertos pudessem ser feitos antes de aplicado à escola acolhedora do estágio. Pontuamos as seguintes passagens dos depoimentos coletados:

O tema inicialmente escolhido pelo grupo como base para o desenvolvimento das atividades foi “fábulas”, mas levando em conta a possibilidade de que os alunos de EIA pudessem considerar o assunto infantilizante, optamos por trabalhar com provérbios e ditos populares. Tal escolha reflete nossa preocupação com a especificidade desse público, pois compreendemos que se trata de sujeitos que não apenas se encontram em uma etapa de vida diferente da etapa da infância: são indivíduos que possuem pouca ou nenhuma escolarização, com certas especificidades socioculturais que podem ser identificadas com “grupos populares”, e que já estão inseridos no mundo do trabalho, normalmente ocupando funções não qualificadas.

No dia da aula, conversamos com o professor antes de entrar na sala e combinamos como seria desenvolvida a atividade. Lá em sala, cumprimentamos os alunos e explicamos que esta seria uma aula diferenciada, pois desenvolveríamos uma atividade na sala de informática.

Observamos a escola, assistimos às aulas, conversamos com a professora em apoio à direção, coordenação, professores e alunos, além de lermos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, a fim de compreender sua estruturação, seus compromissos pedagógicos, os projetos e vínculos comunitários. Também preocupamo-nos em checar por que os alunos de EIA pararam de estudar ou não estudaram na época adequada e por que voltaram a estudar agora que estão mais velhos.

Antes de elaborarmos a aula que seria aplicada na informática, conversamos com a professora para que não interrompêssemos o projeto, e, sim, que pudessemos somar. Descobrimos

que ela já os estava instrumentalizando para usar o computador, ensinando-os a ligarem a máquina, a conhecer o “Word” e seus recursos, bem como o “Paint”, uma vez que trabalharão com fotografias que fizeram do bairro com o objetivo de registrar suas singularidades e de desenvolver a destreza no manuseio do mouse e do teclado.

No final de semana anterior à data agendada, eu dei aula para muitas pessoas que encontrei (inclusive crianças), porque eu estava muito insegura e queria saber o que elas achavam do meu plano de aula.

Como eu nunca tinha elaborado um plano de aula antes (nunca trabalhei em escola), tive bastante dificuldade no começo. Pedi ajuda à minha professora sobre como deveria começar e o que deveria conter no meu plano. Mesmo com os conselhos, elaborei um plano muito vago e com atividades desconexas.

Na aula em que discutimos todos os planos e demos sugestões aos colegas, eu ouvi e anotei todas as sugestões para a minha aula, entendi melhor como se planeia uma sequência didática e consegui desenvolver e reelaborar meu plano.

Voltando para a universidade, conversando com os colegas e com a professora, o assunto “manchete jornalística” pareceu ser uma boa oportunidade para se trabalhar alfabetização com uma turma avançada.

Antes de aplicarmos a aula no estágio, apresentamos para a nossa turma da faculdade o tema e as atividades que desenvolvemos. Houve uma discussão sobre nossas propostas porque muitos acharam que a nossa abordagem ofenderia ou diminuiria alguns dos alunos. No entanto, no dia do estágio isso não ocorreu, pois o tema foi muito bem aceito.

Na escola, depois de nos apresentarmos, iniciamos a aula com a exibição de alguns vídeos pelo “site” do “Youtube”. Esses vídeos mostravam algumas músicas em que eram evidentes as variações linguísticas.

O plano, então, foi elaborado, apresentado

e discutido para os colegas da Universidade. Neste plano, ficou determinado realizar a aula na sala de informática da escola, o estagiário, eu, explicaria o conceito de manchete e mostraria as manchetes de alguns sites de notícia. Em seguida, os alunos seriam convidados a pesquisar manchetes de outros “sites” que eles conheciam. Depois, em um exercício do programa “Word”, os alunos da EIA deveriam ler as notícias e criar manchetes para as mesmas. Tudo pronto. Vamos à prática.

Durante a regência, de acordo com os depoimentos, a reflexão fazia-se presente: olhar atento às reações dos alunos de EIA e seus respectivos professores, o diálogo entre os professores-estagiários e a tomada de decisão rápida quando em regência, a constatação da distância ou não da atividade proposta para o grupo de alunos em questão.

Há ainda que se ressaltar que declarações expressas nos depoimentos evidenciam o estado de quem reflete. Dentre elas, a sensação de trabalho feito, o agradecimento aos elogios de professores titulares, a importância das leituras realizadas no curso de Pedagogia, conforme destacamos a seguir:

Após duas horas, encerramos a atividade e recebemos muitos elogios tanto da professora que cedeu sua aula para nós, quanto das alunas. Pudemos notar que elas realmente se interessaram pela nossa proposta, se empenharam na realização das atividades e conseguiram conhecer um pouco das possibilidades do computador.

Baseados nesses comentários finais, acreditamos que nosso estágio foi realizado com sucesso, o plano de aula foi cumprido como planejado e nossos objetivos alcançados. Ficamos bastante satisfeitas com o trabalho que realizamos na escola e com os resultados apresentados.

Apesar do nervosismo e ansiedade em que me encontrava, a aula ocorreu como planejada. Os alunos compreenderam o que era manchete, fizeram alguns comentários sobre algumas manchetes engraçadas que

encontraram em alguns sites. Aproveitei para comentar sobre o sensacionalismo que alguns veículos de notícia utilizavam para vender a notícia. Uma senhora se lembrou do programa "Aqui Agora", em que o apresentador "fazia muito sensacionalismo", como ela comentou.

Depois, quando iria iniciar a atividade no programa "Word", a aula encerrou. Então, combinei que na semana seguinte iria concluir a aula. A escola e o professor autorizaram. Porém, na semana seguinte, a escola não era a mesma. No final de semana, alguns alunos, por algum motivo que ninguém sabia explicar, atearam fogo na sala de Educação Física, que teve perda total, tanto dos materiais que ali se encontravam, como da estrutura do prédio. Por isso, os alunos da EIA não falavam de outra coisa a não ser sobre este acontecimento.

O professor Walmir até sugeriu adiarmos a aula, mas eu não poderia dispor de outro dia e queria tentar. Fomos, então, para a sala de informática, e lá eu pude entender o que o professor estava falando. Eles (os alunos) estavam muito alvoroçados, pois conheciam os colegas que colocaram fogo na sala de educação física. Abri o programa "Word" que já estava carregado com a atividade e expliquei o que eles deviam fazer. Eles foram muito rápidos, percebi que queriam terminar logo para poder ficar conversando, e acabaram não refletindo muito sobre a atividade. Foi então que eu tive uma ideia. Perguntei antes para o professor o que ele achava e ele concordou. Pedi para que eles parassem a atividade e pensassem então em uma manchete para o acontecimento que havia ocorrido na escola.

Eles se divertiram muito criando as manchetes. E cabe aqui redigir algumas delas: "Fogo no Oitão", "Alunos sem educação ficam sem Educação Física", "Bolas do Professor Zé são queimadas". Após risadas e comentários, pedi para que eles escrevessem todas as manchetes que criaram no "Word". O programa grifou algumas das palavras, e expliquei que isso indicava alguns erros.

O professor foi ajudando alguns alunos a corrigir e eu ajudando outros. A aula terminou e eles queriam saber o que iria acontecer com

as manchetes, expliquei que iria apresentá-las para meus colegas "professores-estagiários", mas antes que eu terminasse a minha fala, o professor Walmir interrompeu e falou que manchete sem notícia não faz sentido. Ele propôs que eles escrevessem sobre o ocorrido, em formato de notícia. Eles concordaram, se sentaram em grupos e começaram a escrever a notícia.

O professor precisou trocar de turma, mas o professor de história deu continuidade à atividade. Também permaneci com eles até o término do período. Eles produziram textos curtos, mas relataram o que sabiam e corrigiram os erros utilizando o programa.

O professor gostou muito da atividade, que de certa forma foi improvisada e falou que iria "dar nota" nos textos. Ele comentou comigo que muito do que ocorre nas turmas de EIA é assim, como o que havia ocorrido. Algum acontecimento grande, ou até mesmo pessoal dos alunos, exigem uma certa adaptabilidade do professor, pois negar essas demandas é negar a própria característica da EIA.

Senti-me contente por ter dado conta dessa demanda dos alunos da EMEF 8 de Maio. A experiência vivida foi superior a qualquer estágio que já tinha feito. E também foi muito gratificante ouvir os alunos me agradecerem quando a aula terminou!

Eu fiquei bem animada quando uma menina me chamou para mostrar que ela tinha digitado as palavras que já havia encontrado (a professora não pediu que eles fizessem isso, apesar de estar contido no meu plano). A professora também gostou da minha aula e me pediu permissão para usar o caca palavras com a outra turma para a qual ela leciona.

Um texto que me ajudou muito no meu estágio foi o livro do Marcos Bagno que fala sobre preconceitos linguísticos, porque, após tê-lo lido, cheguei à escola com um olhar diferente (não condenatório) sobre as dificuldades e os erros que os alunos apresentaram.

Acredito que esta experiência me engrandeceu como pessoa e como profissional, pois mudei algumas atitudes preconceituosas que eu

tinha e pode aprender um pouco da prática pedagógica.

A necessidade de saber ler e escrever é importante para uma sociedade. A alfabetização para jovens e adultos que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, lhes mostra uma nova forma de ver o mundo. Conscientes para além da necessidade de saber ler e escrever, é importante que esses alunos estejam em contato com o mundo da informática, conhecendo as ferramentas do computador e o uso da internet.

O processo de alfabetização, quando concretizado na idade adulta, e o uso do computador como um dos instrumentos para essa aprendizagem inserem esses indivíduos na sociedade atual.

A atividade foi bastante apreciada pelos alunos e pela professora. No entanto, três fatores parecem ter contribuído para distanciar a prática de leitura efetivada por meio da atividade e as formas de leitura não lineares promovidas pelo uso das novas tecnologias (hipertexto): a falta de prática dos alunos com os recursos do computador, a maneira como foi conduzida a atividade, por meio da leitura coletiva (que impõe uma certa linearidade para que todos possam acompanhar) e a própria estrutura da animação que utilizamos, que não possibilitava muitos caminhos a serem percorridos. Por outro lado, a discussão que permeou toda a atividade, com seus desdobramentos e significados diversos, mostrou-se bastante condizente com nossos objetivos.

Enfim, concluímos que este foi um exercício fundamental para a nossa formação docente. O trabalho com os alunos do EJA nos fez refletir muito sobre a possibilidade de promover um contato significativo com uma ferramenta elementar nos dias de hoje, o computador. Apesar da tabulação de dados, do questionário aplicado, apontar que os alunos possuem um contato tangencial com a máquina, percebemos que este precisa ser aprimorado, servindo como um instrumento facilitador no contexto dos alunos.

E, finalmente, constatamos que

nenhum dos gêneros digitais usados atualmente foi utilizado nas aulas ministradas.

Considerações Finais

Os dados aqui apresentados e analisados nos fazem concordar com a definição de letramento digital proposta por Soares:

[...] certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferentes do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (2002, p. 151). Partindo dessa definição e das reflexões feitas no texto sobre leitura e escrita na cibercultura, a autora sugere que se “pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos (SOARES, 2002, p. 155).

Do nosso ponto de vista, hoje a EJA, assim como a formação de professores para atuar nesta modalidade de ensino, não pode deixar de lado a existência de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), fóruns de discussão, e-mails, blogs, sites de busca, dentre outros ‘lugares’ com atividades que necessariamente exigem o letramento digital. Ou seja, reconhecemos que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos que os alunos de EJA, que fizeram parte de nossa pesquisa, estão longe de conhecê-los.

Além deste saber e saber-fazer que é construído quando em interação com o mundo digital, sabemos que o uso destas novas ferramentas produz efeitos cognitivos, culturais e sociais. E este uso fornece instrumentos materiais (ferramentas) e instrumentos psicológicos (signos) tal como propôs Vygotsky (1991). Ou seja, dominar ambientes virtuais de aprendizagem envolve ação de calcular junto, com-parar, com-frontar, compreender que comporta uma instância informacional, uma instância simbólica, uma instância de memória e uma instância de programa. E ainda, outras funções

cognitivas são exercidas tais como: reconhecer formas, diagnosticar, raciocinar, elaborar estratégias combinando cálculo lógico e método heurístico (por exemplo, por tentativa e erro) no âmbito da sociedade de conhecimento em que vivemos hoje. Sendo assim, corroboramos com Martín-Barbero (2006) quando afirma que o lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades

e escritas; formando um novo saber-ser.

Finalmente, foi possível encontrar neste contexto de investigação, aspecto concernente às visíveis dificuldades, dúvidas e incertezas que nossos alunos, professores-estudantes, enfrentam diante desses novos usos de ferramentas para alfabetização, tanto como usuários quanto como professores de EJA. Evidenciamos também a satisfação decorrente da experiência com este trabalho. Sendo assim, ressaltamos a importância de se promover junto aos professores, os gêneros discursivos e linguagens digitais usados atualmente, a fim de integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar.

Referências

- BENEDICT, R. **Padrões de cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.
- GARCIA, C. M. Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre o aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, p. 51- 75, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- SILVA, N. **Da prática pedagógica cotidiana à prática pedagógica pensada**: um estudo exploratório sobre o estágio. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 11 abr. 2011.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Submetido em 18 de outubro de 2011

Aprovado em 22 de dezembro de 2011

ANEXO I

Categoria cotidiana		Total ⁶
Para entrar na escola e em sala de aula, o professor-aluno:	Conversou com a coordenadora	4
	Conversou com a diretora	1
	Conversou com a assistente de diretora	1
	Conversou com professor de informática	1
	Conversou com o professor titular da sala	4
Escola	Particular que oferece a modalidade EJA como trabalho social à comunidade	2
	Escola municipal	4
	Centro integrado de educação de jovens e adultos	1
	Não informado	2
Sala em que foi realizado o estágio	Módulo 1	2
	Módulo 4	1
	Módulo 6	1
	Turma mista	1
	Não informado	5
Professor titular da sala	Usava o computador com seus alunos	1
	Impediu, atrapalhou trabalho do professor-estagiário	2
	Facilitou o trabalho do professor-estagiário	3
	Colaborou o trabalho do professor-estagiário	3
	Continuou o trabalho proposto pelo professor-estagiário	2
Computador por aluno	Um computador por dupla na sala de informática	4
	Um computador por pessoa na sala de informática	1
	Apenas o computador do professor-estagiário	1
	Sem informação	3
Do computador, foi usado:	<i>Word</i>	4
	Sites de notícias	1
	<i>Youtube</i>	1
	<i>PowerPoint</i>	3
	<i>Macro midia flash</i>	1
	<i>logos online</i>	1
	Uso do hipertexto	2

6. Apresentamos aqui o total de vezes que o aspecto avaliado foi citado e comentado nos depoimentos analisados.

Uso do computador para:	Apropriar Discutir, refletir Assimilar Construir Aproximação da máquina Apresentar conteúdo A serviço do conteúdo	3 1 5 3 4 8
Atividades feitas com o computador	Imprimir um cacá palavras e fazer no papel com alunos Aprender a selecionar palavras no texto do <i>Word</i> Aprender a digitar no <i>Word</i> Escrever notícias no <i>Word</i> Ler sites de notícias Ver e responder a diapositivos	1 1 1 1 1 5
Obstáculos encontrados	Não pôde fazer a regência, apenas observou a aula do professor, orientado pela coordenadora Apenas um dos professores havia introduzido o uso do computador em sala Não encontrou a escola Professora estava para se aposentar e a sala de informática estava fechada Incêndio na escola Falta de tempo	1 1 1 1 1 1
O que o aluno de EIA não conhecia do computador.	Não sabia ligar o PC Não sabia clicar no <i>mouse</i> Não sabia digitar. Não sabia ver o cursor na tela Não sabia usar a barra de ferramentas Não conhecia o aviso de erro (conhecidas como cobrinhas) do <i>Word</i> Não conheciam <i>PowerPoint</i>	2 2 2 1 1 2 1
Atitude aluno de EIA frente ao computador.	Medo Maravilhamento Sensação de estar perdido Resiliente Resistente Curiosidade	3 5 4 4 1 3

Conteúdo de L.P. trabalhado pelo estagiário USP.	Gênero: fábula		1
	Relação som letra		3
	Gênero: manchete de jornal		1
	Substantivo e adjetivo		1
	Gênero: provérbios		1
	Gênero: (auto) biografias		1
	Compreensão de enunciados de problemas matemáticos		1
Variações da língua portuguesa no Brasil e no mundo		1	
Domínio do conteúdo de língua portuguesa apresentado pelo estagiário USP pelo aluno de EIA.	Nenhum		6
	Muito pouco		5
	Pouco		2
Reflexão	Na preparação da aula	Procurou saber o que o professor da classe estudava com os alunos	4
		Leu o projeto pedagógico da escola	1
		Ministrou aula para grupo de amigos e vizinhos	1
		Discutiu o plano com a professora da USP.	
	Durante a regência	Observação atenta dos alunos a seus comentários	9
		Diálogo com o professor titular da sala	3
		Diálogo com o colega e também com o professor-estagiário	4
		Percepção de que a atividade realizada era distante do universo semântico dos alunos	1
	Após a regência	Sensação de trabalho bem feito	4
De total acordo com os elogios recebidos pela regência.		2	
Analisou a sua prática para além da sala de aula		2	
Utilizou leituras feitas para e respectivos conceitos para analisar a sua prática		2	
Escreveu depoimento		23	
Uso de gêneros textuais digitais	Produção	<i>e-mail, blog, sites</i>	0